

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Daniel Francisco Vasconcellos da Silva

RELIGIÃO, LAZER E MÚSICA: Um Estudo de Caso Familiar no Contexto Pentecostal

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior.

Juiz de Fora
2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DANIEL FRANCISCO VASCONCELLOS DA SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272116A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Religião e Lazer: Um Estudo de Caso Familiar no Contexto Pentecostal**, desenvolvido durante o período de 16/03/2026 a 13/07/2026 sob a orientação de ARNALDO ÉRICO HUFF JÚNIOR, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 06 de Julho de 2026.

DANIEL FRANCISCO VASCONCELLOS DA SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

Religião, Lazer e Música: Um Estudo de Caso Familiar no Contexto Pentecostal

Daniel Francisco Vasconcellos da Silva¹

RESUMO

O presente artigo investiga a intersecção entre as práticas religiosas e o lazer no contexto do pentecostalismo brasileiro, com foco particular na Igreja Assembleia de Deus de Barras dos Encantos, no interior do Rio de Janeiro. Parte-se da premissa de que, embora os estudos sobre lazer frequentemente privilegiem esferas seculares como esportes, cinema e turismo, essa métrica não é suficiente para abranger a realidade das margens sociais e geográficas do Brasil. Para muitas famílias trabalhadoras interioranas, a instituição religiosa atua como o principal, ou até mesmo o único, vetor de sociabilidade, cultura e entretenimento acessível. O objetivo central deste trabalho é analisar como a fé transcende a adoração para se consolidar como o eixo da vida social, oferecendo significado, pertencimento e recreação para as mais diversas dinâmicas culturais de um grupo familiar, utilizando como estudo de caso a trajetória da família Vasconcellos. Para alcançar esse propósito, a pesquisa adota uma abordagem etnográfica e de resgate memorial, com base no conceito antropológico de observação participante, adotado pelo autor como forma de narrar as experiências religiosas e contextualizar vivências alinhadas ao resgate de memórias visuais, utilizando fotografias do acervo pessoal de sua família.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Lazer. Música. Família.

1. INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo analisar a intersecção entre as práticas religiosas, o lazer e a música, utilizando como objeto de estudo a trajetória da minha própria família no contexto do pentecostalismo brasileiro, especificamente na Igreja Assembleia de Deus. Tradicionalmente, o lazer é compreendido através de esferas seculares como o esporte, o cinema ou o turismo, no entanto, para muitas famílias brasileiras, a instituição religiosa atua como o principal, senão o único, vetor de sociabilidade, cultura e entretenimento. Através de uma análise etnográfica e memorial familiar em conjunto com a observação participante e o resgate de imagens do acervo familiar alinhado com relatos de pessoas do grupo familiar, este estudo busca compreender como a fé transcende a adoração e se consolida como o centro da vida social, oferecendo significado, pertencimento e recreação.

2. UMA EXPERIÊNCIA DE CAMPO EM FAMÍLIA

Para compreender a dinâmica do lazer mediado pela religião, é imprescindível situar o contexto histórico e social em que minha família está inserida. A rotina familiar sempre foi permeada pelos ritos, calendários e eventos proporcionados pela congregação assembleiana. A igreja não tinha somente o papel de um local de visitação semanal, mas era o núcleo organizador da vida cotidiana. Desde a juventude dos meus familiares, as redes de amizade, os namoros, os casamentos e as celebrações comunitárias ocorriam invariavelmente sob o teto ou a influência da comunidade de fé.

As raízes históricas dessa trajetória remontam à união entre minha avó, Maria de Lourdes Vieira, natural do distrito de Pedro do Rio, em Petrópolis (RJ), e meu avô, Alvino Vasconcellos, natural de Vassouras, no interior do estado do Rio de Janeiro. Desse casamento nasceu uma numerosa descendência composta por oito filhos: Andreia, Jonas, José, Marcilene, Márcia, Miriam, Wellington e Josilene.

A construção da identidade religiosa desse núcleo familiar foi marcada por um processo de transição e escolha. Inicialmente, o casal tendeu a acompanhar a herança religiosa de seus respectivos pais, o que os levou a caminhar, por um curto período, dentro do catolicismo. No entanto, essa vivência foi breve. Logo em seguida, romperam com a tradição católica e direcionaram suas práticas rumo ao mundo evangélico. Essa

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior.

transição denominacional não se limitou à esfera da crença individual; ela reconfigurou completamente a rotina e a sociabilidade de toda a família, por exemplo, fazendo com que os filhos recebessem nomes bíblicos. A inserção definitiva na Assembleia de Deus passou a funcionar como o marco estruturante que moldou a identidade coletiva dos membros da família, transformando o espaço e fazendo com que desde as músicas consumidas vestimentas e costumes fossem moldadas com base no novo evangelho que estava a ser aprendido pela família

Os anos se passaram e alguns filhos seguiram caminhos religiosos, como Wellington que, seguindo o caminho da família, se tornou presbítero. A nova geração que se derivou de relacionamentos mais recentes de filhos da família Vasconcellos com seus cônjuges, deram origem a seus netos, aqui citarei Matheus e eu, que viemos da mesma raiz evangélica.

Para situarmos geograficamente como a igreja se consolidou como o principal vetor de acesso da minha família ao entretenimento, à cultura e à sociabilidade, é preciso analisar a espacialidade do seu cotidiano. Sob uma perspectiva etnográfica, o território e as limitações materiais moldam diretamente as práticas sociais e as subjetividades de um grupo. Em um raio de aproximadamente 3 a 4 quilômetros de distância da residência, a congregação da Assembleia de Deus em Barra dos Encantos, Rio de Janeiro, emergia não sendo somente uma escolha de fé, mas como a única opção viável de lazer e cultura para minha família. Segundo Oliveira, Marcellino e Romera (2011), “nas comunidades do interior, as tradições religiosas mantidas pelas famílias atuam como um elemento central que ocupava não apenas a cultura popular e a fé, mas também as principais formas de lazer rural.”

Essa centralidade da igreja torna-se ainda mais evidente, quando analisado o cenário socioeconômico e a dinâmica interna desse núcleo familiar. Criar sete filhos sob condições de restrição logística impunha severas barreiras ao movimento, em um contexto social em que a família não possuía meios de locomoção próprios, como carros ou outros veículos, dependendo quase exclusivamente de longas caminhadas. Se imaginar furando esse ciclo de vivências era quase impossível. Mas, como dito por Rubem Alves (2003, p. 57), a religião é a voz do desejo. A imaginação religiosa não se contenta com as coisas como elas são. Ela sonha com um mundo onde a beleza e a alegria sejam a regra.

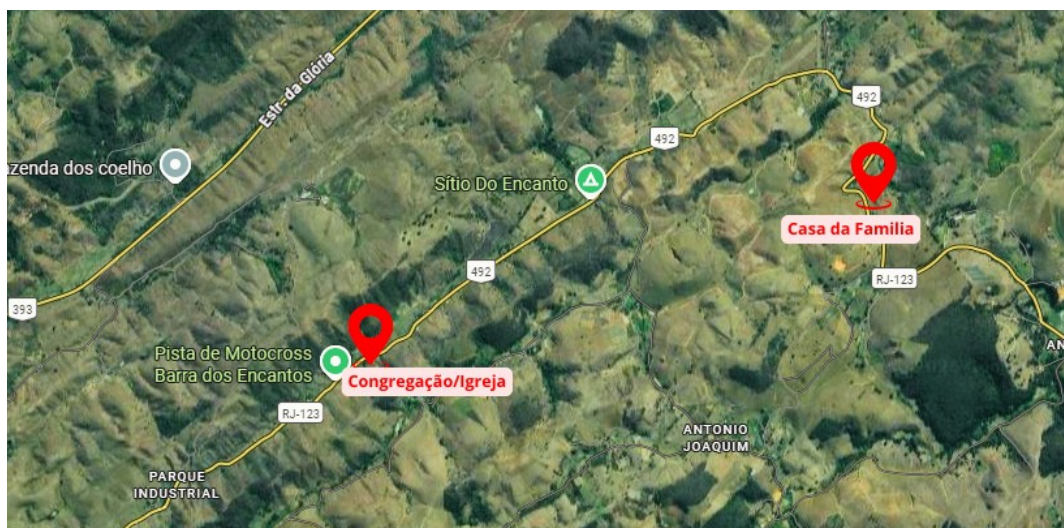
No contexto familiar do qual viemos, sonhar com o mundo lá fora era algo desafiador. O sistema de crenças sempre nos empurrava para a realidade do nosso grupo familiar que, por anos, sem acesso a energia e Tv, manteve como referencial de mundo o que vinha de conversas com pessoas do povoado, folhetinhos religiosos, programas de rádio evangélicos, que eram os “corretos” e que a igreja impunha como padrão.

Ouvir outras rádios que não fossem de programações pentecostais, como as do Pastor Davi Miranda, era considerado pecado e se alguém, por acaso transitasse pela rua e ouvisse que, em nossa casa, ouvíamos programações seculares, seríamos postos à disciplina; a disciplina atuava como uma forma de punir quem fosse pego fazendo coisas que não seguissem as normas daquela congregação. A disciplina tinha duração de 1 mês, e nesse período, você ficaria afastado das rotinas da congregação como participante.

O isolamento geográfico e a escassez de recursos de transporte fizeram com que a igreja funcionasse como um campo social, onde os fieis podiam fazer amizades, ter cônjuges que compartilhavam da mesma crença religiosa e onde suas crianças poderiam brincar com outras, sem que os pais se preocupassem com as más influências, já que ambas vivenciavam os mesmos ensinamentos e valores. Um exemplo que trago da minha vivência pessoal na congregação são os muitos amigos que fiz nessa igreja, na qual minha família se reunia. Esses amigos me acompanharam por muitos anos, dado que 95% do colégio daquela região, onde minha família estava inserida, era frequentado por alunos que vinham da mesma realidade que eu, e seus pais também congregavam na mesma igreja que meus familiares, o que fazia com que esse ciclo se perdurasse cada vez mais.

Qualquer outra forma de interação, evento cultural ou atividade de lazer que fizesse parte do circuito secular, e que escapasse desse perímetro de 4 a 5 km, era uma realidade completamente “fora da bolha”. Nesse ponto existiam dois fatores muito importantes a se analisar: localidade e distâncias; e questões financeiras.

(1) Localidade e distâncias: O mapa abaixo demonstra a distância entre a casa dos Vasconcellos e a sua congregação.



Fonte: Google Maps acesso em 25/06/2026

Como visto no mapa acima, a trajetória da minha família até a sua congregação seguia uma estrada rumo ao Oeste, onde se encontrava a Assembleia de Deus de Barra dos Encantos. A caminhada até essa localidade era bem demorada, cerca de 01:30 a pé. Essa caminhada ficava ainda mais densa por conta da locomoção com crianças de colo, em muitas das vezes.

Ficaram marcadas em minhas memórias lembranças de caminhar até a Igreja, e no meio do caminho, encontrar amigos que também se locomoviam até lá, o que fazia com que esse momento se tornasse um momento de troca, não apenas uma procissão de fé. Em alguma das vezes, cantávamos músicas religiosas de nosso gosto, ou íamos trocando experiências rotineiras. Em alguns períodos chegamos a sair três vezes por semana para diferentes programações da Igreja, sendo elas: Na segunda-feira; Culto de Doutrina e Palavra. Na quarta-feira; Culto dos Adolescentes e juventude. Domingo; Culto de Ensino da Bíblia, pregação ou Santa ceia.

(2) A questão financeira: A esfera financeira atuava como uma barreira de exclusão muito severa que confinava a minha família a uma sociabilidade muito local, profundamente marcada pelas restrições materiais de sua classe.

Em um núcleo familiar composto por nove indivíduos, meus avós Maria e Alvino e seus sete filhos, qualquer tentativa de inserção nas dinâmicas culturais e de lazer oferecidas pelos centros urbanos esbarrava na matemática implacável da privação financeira. É fundamental enfatizar que a renda per capita mensal da família girava em torno de, no máximo, um salário mínimo da época. Esse orçamento mensal doméstico era sustentado quase que exclusivamente pelo trabalho braçal, visto que todos os homens deste grupo familiar retiravam seu sustento de serviços rurais exaustivos, dedicando-se cotidianamente às lavouras e ao manuseio de criações de gado.



José, meu tio, com tomates colhidos em uma de suas lavouras - fonte: acervo familiar ano 2002

A condição socioeconômica, alinhada à vulnerabilidade de uma renda mínima e o intenso desgaste físico imposto pelo trabalho braçal no campo, tornava o tempo livre não apenas escasso, mas desprovido de qualquer recurso financeiro que pudesse ser convertido em consumo cultural.

A ausência de um veículo particular também limitava drasticamente a autonomia de ir e vir e transferia para o transporte público uma demanda insustentável, pois na região o único ônibus passava às 07:00 da manhã, tendo como destino o centro de Vassouras, Rio de Janeiro que ficava a cerca de 01:00 do local onde minha família residia. Esse ônibus retornava apenas às 13:00. Após isso, minha família ficava totalmente isolada, pois o ônibus era o único acesso à cidade. Além disso multiplicar o custo de passagens de ônibus por nove, somado a eventuais gastos com alimentação e ingressos para eventos ou demais festividades locais, transformava uma simples ida à cidade em uma extravagância inalcançável para os meus avós, um casal de trabalhadores rurais.

Consequentemente, o próprio território passava a ditar os limites do pertencimento. O centro urbano, com suas ofertas de entretenimento mercantilizado, tornava-se um espaço inalcançável para a família. Nesse cenário, caminhar a pé pelos 5 quilômetros que separavam a residência dos Vasconcellos de sua congregação ultrapassava o exercício da devoção; tratava-se da principal alternativa de lazer, uma vez que era sua congregação o espaço mais democrático de interação entre indivíduos.

Os cinemas gospel que a igreja realizava para os adolescentes marcaram minhas memórias durante as férias. Com filmes voltados para temáticas gospel como perdoar, o porquê de ser resiliente, ainda que sendo um cinema improvisado, esse foi para muitos como eu o primeiro contato com o cinema. Outra lembrança muito clara era a das colônias de férias, onde por 5 dias ficávamos em um sítio, apenas os adolescentes e os responsáveis por nosso grupo. Lá nós tínhamos dinâmicas de união, momentos de louvor, momentos de descontração com piscina e festas do cafona, onde a ideia era você se fantasiar com a vestimenta mais estranha possível, além dos momentos de diversão só nossos, quando fazíamos guerra de travesseiro e escondíamos coisas de outros participantes, o que tornava esses momentos de retiro não apenas um passeio, mas também um momento de trocas de vivências e criação de ciclos de socialização.

A igreja absorvia essa demanda reprimida por convivência, acolhendo indivíduos já marcados pela vida rural e oferecendo uma infraestrutura de sociabilidade onde o custo de permanência era nulo e a dignidade não dependia do poder aquisitivo. O lazer, em um contexto de sobrevivência agrária, encontrava na comunidade de fé o seu único refúgio, consolidando o templo e eventos religiosos como o destino logístico definitivo onde a família inteira poderia existir, celebrar e interagir socialmente sem o peso esmagador de suas limitações financeiras.

Como acentua Antônio Cândido (2001) em seu estudo clássico sobre a sociabilidade rural, o isolamento geográfico que caracteriza a vida no campo impõe um ritmo de existência em que as oportunidades de contato social são drasticamente reduzidas. Diante da ausência de estímulos urbanos e da escassez de opções de entretenimento, o "bairro rural" encontra na atividade religiosa o seu principal, e muitas vezes único, fator de aglutinação. A capela ou o templo tornam-se, assim, o ponto de convergência onde o imperativo do trabalho é suspenso, permitindo que o sagrado e a necessidade humana de convívio, lazer e distração se fundam em uma mesma experiência comunitária.

3 A VISÃO DA RELIGIÃO COMO FORMA DE LAZER

A percepção do lazer dentro do escopo religioso frequentemente se manifesta através de eventos que rompem com a rotina de trabalho e obrigações. Para a família Vasconcellos, o turismo e o entretenimento estavam intrinsecamente ligados ao calendário festivo religioso. Viagens para congressos, retiros espirituais de feriado (especialmente no Carnaval) e caravanas para cultos em outras igrejas representavam os únicos e aguardados momentos de férias e descanso.

Em um cenário marcado pelo cotidiano rural exaustivo e pelo orçamento restrito a um salário mínimo, o turismo secular era uma realidade inalcançável. A congregação, portanto, tornava-se a grande agência viabilizadora da mobilidade, com viagens para Aparecida do Norte (enquanto católicos), shows de rádios na areia da praia de Copacabana e eventos de congressos com cantores gospel famosos como Cassiane e Kleber Lucas. A organização da igreja e o fretamento coletivo de ônibus democratizavam os custos, permitindo que minha família numerosa ultrapassasse seu histórico isolamento territorial, tendo acesso a diversos ambientes antes jamais pensados. Esse deslocamento rompia a dinâmica do campo, tornando o próprio trajeto uma ótima alternativa de socialização entre os membros da família e demais frequentadores do templo.

A textura das fotografias analógicas e memórias da época eternizaram a estética dessas excursões, revelando não apenas registros documentais, mas imagens cheias de afeto, pertencimento e alegria coletiva. Nesses retiros e caravanas, a instituição religiosa garantia aos seus membros direitos, e à expansão de horizontes, a convergência da vivência evangélica em uma poderosa e indispensável ferramenta de inclusão cultural e turística

Como relatado pela minha tia Josilene Vasconcellos (2026), uma das minhas entrevistadas para confecção deste artigo:

Como nasci praticamente em um berço evangélico e o lugar onde eu morava era longe de tudo, não tínhamos acesso a muita coisa. Morávamos no interior e a grande parte das pessoas era do meio evangélico, pentecostal. Por isso, todos os lugares que conheci fora o colégio, o bairro onde eu morava e as raras vezes em que saímos de casa para ir ao hospital em outra cidade foram provenientes da igreja. Todas as excursões para festas em outros bairros e cidades foram por meio dela. Foi assim que pude ir à Quinta da Boa Vista, por exemplo, no Rio de Janeiro. Lembro-me até hoje de uma excursão de ônibus em que a maioria do pessoal da igreja que tinha condições pagou para ir ao Zoológico do Rio. Também fui a um congresso em São Gonçalo e conheci a Praça da Apoteose em outro evento da igreja. Foi com o pessoal da congregação que conheci o Cristo Redentor e participei de uma festa na Quinta da Boa Vista, promovida por uma rádio FM gospel 93 FM. Lembro-me perfeitamente, até hoje, de andar naquelas bicicletas para quatro pessoas. Praticamente, até os meus 20 anos, todos os locais que conheci foram por conta da igreja. Quando parei de frequentar, acabei perdendo todo o meu ciclo social, porque as minhas amizades, os lugares que eu frequentava e as festas a que ia envolviam pessoas da igreja. Olhando para trás, vejo que a gente fica um pouco preso naquele mundo, debaixo daquele domo religioso, sem saber que existem outras realidades. Por outro lado, a igreja também me levou a lugares que, na minha realidade de pobreza e morando no interior, eu jamais teria oportunidade de conhecer. Se não fossem essas excursões, eu nunca teria visitado esses pontos turísticos ou ido a outros bairros. Até os meus 20 anos, como disse, tudo o que conheci foi graças à igreja.

Nesse relato é possível ver a igreja também como um atuante de mudança de perspectiva, de olhar e de pertencimento, uma vez que grande parte da memória de minha tia sobre viagens e saídas da sua bolha social parte da igreja, que em várias ocasiões a levou em viagens e congressos isso tudo fazia com que o olhar sobre a igreja sempre estivesse também alinhado a outras questões para além da fé, como a chance de uma saída para visualizar um mundo fora de seu campo de visão.

4. ADORAÇÃO E LAZER: A MÚSICA E A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS

A música desempenha um papel estrutural na liturgia pentecostal, mas, para a família Vasconcellos, sua função ultrapassava significativamente as fronteiras do culto: ela se consolidava como a mais potente forma de lazer, fruição estética e expressão cultural acessível. Em um cotidiano forjado na aspereza do trabalho rural e condicionado por severas restrições financeiras, o acesso aos bens da indústria cultural secular, como casas de espetáculos, teatros e shows convencionais, era uma realidade geograficamente distante e economicamente intangível. Nesse cenário de exclusão, o universo evangélico absorvia essa demanda, e o cancionário cristão assumia absoluto protagonismo na formação do gosto e da identidade da família.

A congregação operava, assim, como uma autêntica oficina de artes, com as horas dedicadas aos ensaios de coral ou ensaios do grupo de adolescentes. Lembro das várias quarta-feiras em que o grupo dos adolescentes se juntava para ensaiar os hinos que seriam apresentados na próxima festividade. Era muito prazeroso ensaiar e esperar até o dia da festividade, onde receberíamos várias outras congregações em nossa igreja para festejarem com a gente. O esforço no aprendizado autodidata de instrumentos e o preparo para as apresentações públicas preenchiam o tempo livre com um ensinando ao outro o pouco que sabia sobre instrumentos musicais.

A vivência musical tornava-se o "brinquedo" que oferecia alívio frente à pesada "ferramenta" do labor no campo. Para aqueles trabalhadores submetidos à exaustão da lavoura, empunhar um microfone para entoar os sucessos desses grandes artistas significava suspender momentaneamente o peso da sobrevivência material, permitindo reivindicar, no espaço sagrado do altar, o seu irrenunciável direito à arte, ao entretenimento e à beleza.

Nomes consagrados do cenário gospel brasileiro, como Fernanda Brum, Andrea Fontes e Jota Neto configuravam os ídolos e as principais referências de consumo cultural dentro do ambiente doméstico, como vozes que guiavam a congregação. Acompanhar os lançamentos, ouvir seus discos repetidamente, decorar as letras e reproduzir as performances musicais nos cultos transformavam-se em eventos de intenso prazer, admiração e sociabilidade. A música criava uma ponte simbólica entre o interior rural fluminense e a grande produção fonográfica nacional, inserindo a família em uma cultura de massas paralela e adaptada aos seus valores éticos religiosos. Por mais que não consumissem grandes nomes da atualidade secular, eles estavam sempre atualizados das canções musicais cristãs mais recentes, por conta da sua proximidade com artistas que a igreja utilizava no louvor em suas celebrações.

E é aqui que surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. E teríamos de nos perguntar agora acerca das propriedades especiais destas coisas e gestos, que fazem deles habitantes do mundo sagrado, enquanto outras coisas e outros gestos, sem aura ou poder, continuam a morar no mundo profano (Alves, 1981, p. 22, 23).



Miriam cantando em uma festividade da congregação - acervo Familiar, ano: 1994

Parte deste resgate memorial captura minha tia Miriam do lado esquerdo da imagem louvando na igreja. Os microfones nas mãos dela e os sorrisos evidenciam que a participação delas na parte musical da igreja era muito presente e sempre fugia do papel de uma mera obrigação litúrgica. Tratava-se de um momento de profundo lazer e estímulo musical, momento de apresentar uma canção que fora ensaiada por várias vezes durante a semana. O ato de cantar em conjunto atuava com uma ferramenta de troca, pois era bem comum o costume de convidar outras pessoas para louvar em conjunto, como demonstra a foto acima, onde minha tia Miriam, “Vestida de roupas brancas”, canta ao lado de uma de suas amigas, reafirmando laços com amizades que muitas das vezes nasceram desse convívio.

Durante muito tempo a ida à casa da minha família no período que antecede as festividades do calendário da congregação sempre foi marcada por uma memória muito rica de minhas tias ensaiando os louvores que apresentariam no culto que sediaria a festividade. A riqueza na escolha do hino ideal que ressaltasse de fato a essência da festividade era muito importante, além de sempre se fazer necessário que fosse um louvor conhecido para que toda a congregação pudesse ouvir e se interessar.



Culto de rua - acervo familiar ano:1998

A imagem acima ilustra um culto de louvores realizado na rua, acompanhado por uma banda improvisada com instrumentos da congregação. Ao lado podemos também observar a presença de um caminhão que foi utilizado especialmente nessa ocasião para fazer o transporte dos membros para essa localidade.

Esta imagem é emblemática, pois demonstra a ocupação do espaço público. A rua de terra se transformou em um palco de adoração e, onde antes passavam apenas os trabalhadores voltando de suas longas jornadas no campo, agora tornava-se um palco para que os fieis pudessem cultuar com seus irmãos. Sem acesso a casas de shows e teatros, a comunidade evangélica desenvolvia sua própria festividade e música ao ar livre, convidando a vizinhança a participar desse momento de lazer, compartilhado com a fé e a musicalidade.

Para Christian Lalive d'Epina (1970), a conversão ao pentecostalismo no meio rural atua como a criação de uma "sociedade substitutiva". Para o trabalhador da lavoura, cujas opções de lazer são totalmente quase inexistentes devido à barreira econômica e espacial, a comunidade eclesial reorganiza o tempo livre. Ao oferecer um calendário repleto de atividades semanais, ensaios e festividades, a igreja preenche o vazio do isolamento rural, convertendo o templo no único e definitivo centro de cultura e recreação acessível a essa população e aproximando ainda mais os indivíduos das práticas religiosas, onde cada um ganha um local de destaque no meio religioso.



500 anos do Brasil acervo familiar ano: 2000

A imagem registra minha mãe, Andreia, segurando uma bandeira durante uma comemoração da Igreja Assembleia de Deus de Barra dos Encantos. Eventos de grande porte como este funcionam como grandiosas festividades cívicas-religiosas. O envolvimento em preparativos, o uso de trajes específicos e a solenidade do momento proporcionam um sentido de pertencimento a um evento histórico, suprimindo a necessidade humana de celebração e marcos temporais, além serem momentos de muito entrosamento social e desejo por estar nesses locais e ocupar cargos de destaque, como o de “Carregar uma bandeira”. Nesta fotografia, minha mãe segurava a bandeira do Rio de Janeiro em uma celebração religiosa de 500 anos do Brasil.

Como relatado por ela, Andreia Vasconcellos:

Foi muito importante para mim participar desse e de vários outros momentos. Eu nunca pensei que seria escolhida para carregar a bandeira do Brasil, mesmo que em uma comemoração religiosa. Eu tinha uma vaga memória de momentos assim em desfiles cívicos, mas como eu não tive acesso a participar dessas comemorações cívicas, fazer isso em uma festividade da igreja foi algo que marcou. Eu me lembro de nesse dia ter ficado o período da tarde me arrumando, além de ter achado muito legal todos os ensaios que antecederam essa comemoração, pois eu podia ir até a casa das minhas primas, filhas do meu primo Miguel, para ensaiarmos..

Nesse viés é muito importante percebermos o senso de pertencimento dado pela religião. Ela nos faz sentir incluídos em algumas dinâmicas que antes eram longínquas de nossa realidade, Essa reflexão nos traz para mais perto do objetivo desse estudo que é assimilar o lazer e a música com a vivência religiosa e criar a conexão que liga estas esferas e desperta esse papel para diferentes grupos sociais.

Em minhas recordações esses momentos de eventos rotineiros sempre foram muito importantes, desde uma leitura de uma poesia no dia das mães a uma encenação teatral no natal.

A Igreja sempre foi um contato com as artes e o mundo lúdico. Por exemplo, em uma dessas apresentações pude performar um dos reis magos, um personagem bíblico muito importante para o Natal. Em outra ocasião fui escolhido ainda bebê para ser o menino Jesus em outro espetáculo de natal.

5 ALGUMAS REFLEXÕES

Para embasar esta análise é compreender a magnitude da instituição religiosa na rotina da família Vasconcellos, é fundamental estabelecer um diálogo com a sociologia do lazer e com os estudos sobre a expansão religiosa no Brasil.

O sociólogo Joffre Dumazedier diz:

...o lazer é o conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada [...] após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p. 28).

Uma das principais referências clássicas nos estudos do tempo livre, Dumazedier (1973, p.28) define o lazer a partir de três funções primordiais: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social, caracterizando-o como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo se entrega de livre vontade após liberar-se de suas obrigações profissionais. Ao aplicarmos essa lente teórica ao nosso recorte etnográfico, torna-se evidente que a Assembleia de Deus não apenas contemplava, mas monopolizava essas três dimensões na vida da família.

O descanso materializava-se na quebra da exaustiva rotina de trabalho rural, onde o dia de culto representava a suspensão sagrada e legítima do labor. O divertimento ganhava vida nas caravanas, nos retiros de Carnaval e na efervescência das apresentações musicais. Já o desenvolvimento social operava de forma silenciosa e potente na própria engrenagem eclesiástica: ao participar de corais, aprender a tocar instrumentos, organizar festividades ou assumir posições nos grupos de jovens, membros da família adquiriram capital cultural, sociabilidade e habilidades de liderança que a rigidez do trabalho no campo e a escassez de educação formal raramente lhes ofereciam.

Contudo, para além da dimensão do entretenimento, é preciso situar esse fenômeno nas dinâmicas de classe e território. Autores e estudos sobre pentecostalismo brasileiro, como Pedro Cipolin (1995 p. 38-39), e Cecília Mariz (1991 p.17-18), evidenciam que as igrejas evangélicas frequentemente assumem o papel de complexas redes de solidariedade em periferias e áreas rurais marcadas pela ausência crônica do Estado. No contexto de isolamento logístico e privação financeira dos Vasconcellos não era diferente.

A Congregação por sua vez não provia apenas um espaço físico de encontro, mas inaugurou o que podemos conceituar como um "lazer protegido". Sob a ótica dos fiéis, o mundo secular fora daquele raio de 3 a 4 quilômetros era frequentemente codificado como um espaço de risco moral, permeado por vícios e perigos à integridade do grupo. O lazer oferecido pela congregação funcionava como uma redoma protetora: permitia que a família, especialmente os jovens, vivenciassem a sociabilidade, a festa e a alegria de forma plena, porém blindada pelas fronteiras éticas e morais da comunidade de fé. Divertir-se no templo era, portanto, uma estratégia de sobrevivência dupla: superava-se a barreira da exclusão financeira e mantinha-se a coesão espiritual da família intacta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a conversão da prática religiosa na principal forma de lazer da família Vasconcellos não se deu em um vácuo social, revelando-se, fundamentalmente, como uma resposta engenhosa diante da escassez material e da segregação espacial que caracterizavam o seu entorno. Diante da ausência crônica e estrutural de aparelhos estatais voltados ao entretenimento gratuito ou acessível, a Assembleia de Deus surgiu para o grupo familiar não apenas como uma instância de devoção litúrgica, mas como o único espaço genuinamente

seguro, acolhedor e viável para o convívio e a dignidade humana. Para um núcleo numeroso cuja subsistência dependia do labor exaustivo na lavoura e com a renda rigidamente limitada a um salário mínimo, o templo funcionou como um verdadeiro oásis que supria as lacunas deixadas pelo Estado e pelo mercado de consumo secular.

Dessa forma, a atuação da congregação como promotora do lazer familiar desdobrou-se de maneira orgânica e multifacetada na rotina dos Vasconcellos, tecendo uma rede de sociabilidade que operava em diferentes frentes. A igreja assumiu o papel de uma agência de turismo comunitário por meio do fretamento coletivo de ônibus, viabilizando caravanas e retiros espirituais de Carnaval que permitiam à família romper o isolamento geográfico e desfrutar de momentos legítimos de férias e descanso. Ao mesmo tempo, o espaço sagrado consolidou-se como um polo de educação musical e fruição estética, onde o aprendizado autodidata de instrumentos e os ensaios de coral ofereciam uma escola de artes informal que preenchia o tempo livre com propósito e orgulho. Esse ecossistema eclesástico tornava-se também o epicentro da recreação cotidiana, acolhendo desde os namoros e as redes de amizade até grandes festividades cívico-religiosas, como o centenário da instituição, garantindo a celebração social sem onerar o orçamento doméstico.

Conclui-se, portanto, que para a família Vasconcellos o templo transcende em absoluto o papel de refúgio espiritual, consolidando-se como o grande provedor de cultura, turismo, educação e entretenimento de sua história. A vivência da fé evangélica funcionou como uma potente ferramenta de democratização do bem-estar social. Ao organizar o tempo, o espaço e as relações afetivas desse grupo de trabalhadores rurais, a comunidade de fé não apenas preencheu os vazios da vulnerabilidade socioeconômica, mas garantiu a seus membros o exercício pleno de um direito humano fundamental e inalienável: o direito à arte, à música, à celebração, ao riso e ao descanso.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 22, 23.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CIPOLIN, Pedro. Sacramento da Salvação Integral. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, 1995.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Tradução de Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973.

LALIVE D'EPINAY, Christian. **O refúgio das massas: estudo sociológico do protestantismo chileno**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MARIZ, Cecília. A Religião e o Enfrentamento da Pobreza no Brasil. **Revista crítica de ciências sociais**, São Paulo: 1998.

VASCONCELLOS, Andreia. Entrevista ao autor, via chamada de vídeo (2026).

VASCONCELLOS, Josilene. Entrevista ao autor, via chamada de vídeo (2026).